



Uma carta que vem de muito longe, do país das «geishas»!...

Relembrando Campinas de há vinte anos — As andorinhas, o “Coliseu”, tudo o que já se foi — Keisa Aida, antigo aluno do Colégio “Culto à Ciência” e atual funcionário da Biblioteca do Congresso do Japão, escreve ao “Correio Popular” fazendo um apelo

UMA CARTA que vem de muito longe, do país das “geishas”!... relembrando Campinas de há vinte anos - As andorinhas, o “Coliseu”, tudo o que já se foi - Keisa Aida, antigo aluno do Colégio “Culto à Ciência” e atual funcionário da Biblioteca do Congresso do Japão, escreve ao “Correio Popular” fazendo um apelo. Correio Popular, Campinas, 10 jul. 1948.

Há vinte anos. Por esse tempo, Campinas era ainda a “velha Campinas” do fim do século. Velhos solares com êsses velhos paredões de talpa, rijos como o peito austero dos homens que nele viveram; personalidades de antigo cerne caminhavam por aqul, na paisagem antiga das ruas, engraxavam as botinas à sombra das árvores copadas do Largo do Rosário, os bondes faziam trajetos imutáveis havia muitos anos, pouca cousa havia do que hoje se chama Cambul, nada de muitos bairros que aí estão.

Campinas ainda guardava o frêmito de outro tempo, nítida nas retinas encontrava-se a grande chama da Campanha Civilista que, embora tivesse ficado já muitos anos para trás, nada tivera depois de si que a pudesse superar. O velho telheiro das Andorinhas relembra-va sempre as maravilhas do celebre discurso de Ruy (que ainda se escrevia com y...) grande e descritivamente “campineiro” desde as primeiras palavras:

“Pelo límpido azul já sem sol...”

As Andorinhas ainda eram “de Campinas”, estava de pé o “Coliseu”, o velho “Rink” ainda do outro dia e velhos edificios de muitas tradições.

Depois, em pouco tempo, como num senso leonocasta de renovação, a cidade sentiu-se outra: precisava mudar, era necessário transpor as fronteiras do tempo e entrar noutra época, noutros dias de outras paisagens...

E foram-se, então, os homens; “desapareceram” ruas; paredões rolaram; árvores sumiram, becos estreitos se alargaram, bairros nasceram num ímpeto invencível de aiastramento e vida, foram-se as andorinhas e, como sucede, agora, por toda parte. — até mesmo um passado que, cronologicamente, é apenas de ontem, torna-se, depressa, “muito antigo”.

UMA CARTA DE MUITO LONGE, FEITA DE REMINISCENCIAS

Foi depois de ler a carta, que abaixo se segue, de um antigo aluno do outrora Ginásio “Culto à Ciência”, hoje funcionário da importante Biblioteca do Congresso do Japão, foi depois de ler essa carta carregada de tão enternecidas lembranças, que nós mesmos nos voltamos para trás, na estelra de outros dias.

Carta digna de atenciosa leitura, principalmente no que diz respeito ao apelo que traz, apelo que vem de longe e de antigo aluno da nossa tradicional Casa de ensino campineira. Ela:

Toquio, 9 de Maio de 1948.

Exmo Sr. Redator-Chefe do Correio Popular, Campinas

Ao pé de uma das colinas que cercam a pequena cidade Kamakura, nas proximidades dum tunel, vê-se uma casa de dois andares, do estilo europeu envolta num arvoredado verdejante. É a nossa residência em que moramos há mais de um ano.

Gerçelam e chilreiam muitos passarinhos, de dia e de noite reina um profundo silêncio que se diria quase religioso e que se quebra apenas de vez em quando, pelo passar de trens que correm ora para Toquio, ora para Yokosuka.

Os raios do sol entram em jorro em nossa sala de estar e a gente sente que a época do calor se aproxima de dia para dia. Sentado à mesa despreocupado escrevo esta, que é a primeira carta para essa folha, a qual havia dado agasalhos generosamente às minhas desprentenciosas crônicas.

Faz vinte anos depois que deixei esta linda cidade e nunca tive a oportunidade de tornar a vê-la. Eu me lembro bem da Casa de Andorinhas de que Rui Barbosa cantou numa prosa extraordinária, do Jardim Público com magníficas palmeiras, da estatua de Carlos Gomes, dos teatros Rínque e Coliseu, etc., etc. São aspectos e imagens de há duas décadas. Aqueles garotos e aquelas meninas de então se tornaram homens e senhoras de meia-idade, todos graves ou afetuosos. Eu desejaria, todavia guardar aquelas imagens de garotos e de meninas até o fim de minha vida sentindo-me feliz pelas saudades imensas... de que choro de vez em quando, mas ninguém sabe o porque das lágrimas! Aquela casa do ensino secundário “Culto à Ciência”, cujas aulas frequentei por espaço de dois anos, o bambual em cuja sombra descansi, o jardim florecido onde vi trabalhar um português que falava com aquele sotaque vem à minha mente e eu estou pensando nos meus antigos colegas.

Numa noite do ataque aéreo terrível, em fins de Maio de 1945, a nossa residência em Toquio foi devorada pelo fogo em consequência das bombas incendiárias lançadas diretamente sobre ela e a minha biblioteca, contendo nada menos do 1.300 livros luso-brasileiros, foi reduzida à cinza literalmente. Não sei como reorganiza-la. Único melo que me resta é solicitar de meus amigos em Cambrinas o favor de me oferecerem alguns livros ou publicações a escolher entre muitos ao critério de cada um e neste momento declaro que mesmo livros usados ou lidos serão muito úteis para mim. Porisso, se se encontrarem alguns amigos meus entre os leitores do seu jornal é fineza falar sobre a minha situação e pedir-lhe por mim que me mandassem quaisquer livros que se acham em suas estantes. Desêjaria que esses livros viessem com dedicatórias para minha pessoa, e enviassem ao seguinte endereço:

Mr. Keisa Aida,
The National Diet Library,
No 1,1 chome, Akasaka, Minatoku, Tokyo, Japan.

Durante a guerra do Pacífico que era simplesmente terrível e desastrosa, fiquei sem serviços a prestar no Ministério do Exterior e, finda a guerra, apresentei o pedido de demissão junto com 200 funcionários veteranos do Gaimusho, desta maneira deixando a carreira consular a qual havia abraçado.

Estou atualmente trabalhando para a Biblioteca Nacional do Congresso, órgão oficial criado há apenas um mês, a semelhança do Congress Library em Washington.

A lei criando a Biblioteca foi aprovada na Camara de Deputados e no Senado, a 4 de Fevereiro, e promulgada a 9 do mesmo mês. A cidade de Toquio, como é do domínio publico, foi quase destruída e devastada pelo fogo durante a guerra do Pacífico e poucos edificios que hoje restam são ocupados pelas Forças Aliadas de Ocupação, não havendo edificio ou edificios adequados à Biblioteca. Nessas condições, o governo teve que escolher o antigo Palacio Imperial de Akasaka para sua sede. Este palacio é magnifico e quando eu me aproximo dele, sinto como se entrasse andando no Museu do Ipiranga, em São Paulo, pois existe certa semelhança entre

os dois. Em frente do edificio há uma grande área com gramado e flores, mas o que a gente admira mais é o jardim traçado com todos os característicos orientais, collinas, bosques, variadissimas arvores, gramados, aguas, peixes, flores, pedras... Este jardim estende-se até o Palacio de Sua Majestade a Imperatriz viuva, e a gente pode observar a figura respeitavel dela, de vez em quando, do alto de uma das collinas quando vem em passeio matinal.

Caíu apenas uma bomba incendiaria, mas esta não explodiu felizmente, tendo sido, assim, conservado quase intacto até hoje. Não é muito apropriado à biblioteca, pois há humidade nos porões e as salas são escuras para o serviço. O governo pretende construir a sede da Biblioteca nas proximidades do atual edificio onde funciona a Assembléa Nacional. Essa obra será gigantesca com capacidade para receber 3.500 pessoas, de uma vez, e

terá 1.500 funcionarios até terminar a obra de construção que levará vinte anos. Todas as bibliotecas de ministerio e de repartições importantes estão filiadas à nossa Biblioteca, portanto a organização não deixa de ser grande e cuja administração e manutenção tornam-se bem difíceis, caso homens de grande capacidade e talento não fossem convidados para virem exercer atividades exigidas.



O velho "Culto à Ciência", onde o sr. Keisa Aida foi aluno há vinte anos